

O entendimento dos treinadores de Atletismo a respeito do processo de aprendizagem e treinamento de atletas

Caregnato, A.F.; Costa, I.; Ordonhes, M.; Cavichioli, F.R.

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil

Resumo

O presente estudo busca verificar a perspectiva dos técnicos a respeito do processo de ensino, aprendizagem e treinamento no Atletismo brasileiro. Para tanto, recorremos às entrevistas semi-estruturadas a seis treinadores brasileiros de diferentes grupos de provas do Atletismo. Identificamos uma tendência da iniciação esportiva no Atletismo se dar por meio de uma prática mais atrativa, diminuindo assim os casos de abandono e facilitando a manutenção nesse esporte. Não foi identificado um sistema nacional organizado para seleção e detecção de atletas. Os técnicos destacaram que recebem os jovens atletas com um trabalho de base, deficitário, o que atrasa a transição do atleta para o alto rendimento.

Abstract

The present study seeks to verify the perspective of the technicians regarding the process of teaching, learning and training in Brazilian athletics. To do so, we used semi-structured interviews with six Brazilian coaches from different groups of Athletics competitions. We have identified a tendency of athletic initiation in Athletics to be achieved through a more attractive practice, thus reducing cases of abandonment and facilitating maintenance in this sport. An organized national system for selection and detection of athletes has not been identified. The coaches pointed out that they receive the young athletes with a basic work, deficit, which delays the transition of the athlete to the high income.

Keywords: Track and Field. Coaches. Athletes.

Introdução

Treinadores esportivos e um sistema detecção de atletas são condições pertinentes relacionadas ao desenvolvimento do esporte em um país (Trudel, 2006). O treinador é determinante por organizar, avaliar o processo de treinamento e precisa levar em consideração diversas situações e parâmetros do seu esporte relacionados com rendimento dos atletas (Côté & Gilbert, 2009; Johnson *et al.*, 2008). Este estudo tem por objetivo verificar o entendimento dos treinadores do Atletismo competitivo organizado no Brasil acerca do processo de ensino, aprendizagem e treinamento.

Método

Foi utilizado para a coleta de dados a técnica de entrevista semi-estruturada e a amostra foi composta por 6 treinadores brasileiros da modalidade de Atletismo selecionados de forma intencional, de modo que representavam em 2016, diferentes grupos de provas do Atletismo (corridas de velocidade, barreiras e revezamentos; meio fundo e fundo; marcha; saltos;

lançamentos e arremessos, provas combinadas. Para fazer parte deste estudo, os técnicos, deveriam possuir ao menos um atleta com índice olímpico para os Jogos Olímpicos do Rio 2016 na sua respectiva especialidade. Esse estudo foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa institucional (CAAE: 47607114.8.0000.0102) e os treinadores foram representados pelas siglas: T1, T2, T3, T4, T5, T6. A média de idade dos treinadores investigados foi de 43,1 anos (mín. 36/máx. 62, \pm 7,53); experiência de prática de Atletismo foi de 27,6 anos (mín. 7/máx. 42, \pm 12,49). Os dados coletados foram organizados com base no método Análise do Conteúdo. Esse estudo apresenta a frequência de aparição (*f*) dos códigos das subcategorias (Quadro 1). As entrevistas seguiram um roteiro dividido em 3 partes: 1) caracterização do participante (idade, formação acadêmica e atuação profissional); 2) experiências com o Atletismo (conquistas, interesse pelo Atletismo, experiência com o ensino das modalidades); 3) experiências no ensino aprendizagem treinamento (tempo de atuação profissional, instituições que trabalharam, contextos de atuação, como ensinam a modalidade, talento, formação do atleta, apoio).

Quadro 1. Categorias e subcategorias oriundas do discurso dos gestores.

Categorias	Subcategorias
Sistema para formação e desenvolvimento de atletas	Ações pedagógicas (<i>f</i> =29%), etapas de desenvolvimento do atleta (<i>f</i> =26%), fraca formação de base (<i>f</i> =20%), especificidade da prova (<i>f</i> =12%), formação do cidadão (<i>f</i> =5%), Atletismo na escola (<i>f</i> =5%), desvalorização do treinador de base (<i>f</i> =3%).
Talento e treinamento longo prazo	Idade ideal (<i>f</i> =37%), talento (<i>f</i> =26%), talento + treinamento (<i>f</i> =20%).

Resultados e Discussão

“Talento e Treinamento a longo prazo”

Os treinadores relataram que o ideal (*f*=37%) é que o atleta inicie enquanto jovem, no entanto optaram por não estipular uma idade ideal (*f*=37%) de início: “[...] o atleta das Bahamas (Donald Thomas) iniciou no basquete e um certo dia pediu para fazer uns saltos na pista de Atletismo, resumindo: ele começou em 2006 com 22 anos, no salto em altura, dizia que queria saltar com tênis de basquete e

foi campeão mundial em 2007, na Espanha” (T1). A respeito do processo de treinamento “[...] o ideal para o Atletismo seria o técnico pensar num processo a longo prazo, sem pressa para resultados [...]” (T2). Ligado ao assunto, treinamento a longo prazo, o tema talento esportivo ($f=26\%$) foi uma constante no discurso dos treinadores, conforme afirma T2: “[...] o ideal seria se tivéssemos essa ideia de treinamento a longo prazo bem fixada entre os técnicos, somado com atletas talentosos [...]” com isso, “[...] sem dúvida, o Brasil poderia ser uma referência mundial no Atletismo [...]” (T5). Nessa perspectiva do atleta talentoso foi possível identificar algumas características comportamentais do atleta brasileiro: Para T2, o atleta brasileiro precisa “[...] querer treinar ($f=20\%$), tem muito talento que não quer treinar firme [...] vejo jovens atletas com um comprometimento muito baixo com o esporte”.

“Sistema para formação e desenvolvimento de atletas”

Quadro 2. Aspectos favoráveis e desfavoráveis

Algumas unidades de registro
T2 [...] existe um treino tradicional para o Atletismo.
T3 [...] tendência de uma formação mais atrativa, até os 12 anos.
T1 [...] ensino do global para o específico.
T3 [...] técnico do atleta com 15, 16 anos já pode buscar refinar melhor as técnicas vistas na iniciação.
T6 [...] são poucos os programas de Atletismo no Brasil, que possuem todas essas fases claras, bem definidas, com objetivos, a longo, médio e curto prazo.
T3 [...] a maioria das equipes adultas não desenvolvem a base.
T1 [...] não existe um modelo único para o ensino, aprendizagem e treinamento do Atletismo brasileiro.
T4 [...] na estruturação de treino é necessário considerar a especificidade da modalidade e do atleta..
T3 [...] formação esportiva de base é fraca, com baixo repertório motor.
T4 [...] isso afeta o trabalho do técnico de alto rendimento
T5 [...] também é importante valorizar a formação do cidadão.
T5 [...] a educação física não contribui na formação de atletas de base, que não sabem nada de Atletismo.
T6 [...] desvalorização do técnico que atua com os jovens atletas.

Foi possível identificar como deveria acontecer o treinamento na iniciação esportiva ($f=29\%$): “[...] ao longo da prática, o iniciante deve aprender as técnicas básicas das provas do Atletismo” (T2), por meio de um trabalho “[...] multilateral, em que o treinador pode passar experiências gerais de movimento para os atletas”

(T3) e trabalhar “[...] com os iniciantes com jogos esportivos, atividades lúdicas e competições adaptadas (T5)”. O técnico T1 complementa: “[...] eu sempre falo para os pares que trabalham na formação: o Atletismo deveria ser mais jogado, por que não fazer atividades com bolas?”. O fato da maioria dos clubes de alto rendimento possuírem somente a categoria adulto foi considerado pelos técnicos como uma barreira para o processo de desenvolvimento do atleta: “[...] a gente recebe alguns atletas com bons resultados, com 19, 20 anos, e tem vezes que não sabemos do histórico deles, em alguns casos não acompanhamos esse atleta na sua formação, como eles treinavam [...] isso justifica o fato de que vários atletas chegam para treinar em São Paulo e não evoluem, ou isso demora demais para acontecer” (T1).

Conclusões

Verificamos uma tendência da iniciação esportiva no Atletismo se dar por meio de uma prática mais atrativa, diminuindo assim os casos de abandono e facilitando a manutenção nesse esporte. Não identificamos um sistema nacional organizado para seleção e detecção de atletas, isso fica por conta de cada entidade que desenvolve o Atletismo. Os técnicos de alto rendimento destacaram que recebem os jovens atletas com uma formação motora, um trabalho de base, deficitário (pulam fases de desenvolvimento), o que atrasa a transição do atleta para o alto rendimento. Uma hipótese para isso é que os técnicos formadores não estão formando atletas como deveria e assim, faz-se necessário atenção especial das entidades organizadoras do Atletismo nacional na formação continuada e valorização dos treinadores formadores.

Referências

- Côté, J., & Gilbert, W. (2009). An Integrative Definition of Coaching Effectiveness and Expertise. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 4.
- Johnson, M.B., Castillo, Y., Sacks, D.N., Cavazos, Jr.J., Edmonds, W.A., & Tenenbaum, G. (2008). "Hard Work Beats Talent Until Talent Decides to Work Hard": Coaches' Perspectives Regarding Differentiating Elite and Non-Elite Swimmers. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 3, 417-430.
- Trudel, P. (2006). What the Coaching Science Literature has to Say about the Roles of Coaches in the Development of Elite Athletes. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 1, 127.

Nota dos autores

Fernando R. Cavichioli é professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
André F. Caregnato é doutorando do PPGEDF da Universidade Federal do Paraná.
Isabelle Costa e Mayara Ordonhes são mestrandas do PPGEDF da Universidade Federal do Paraná.

Contato

André F. Caregnato

E-mail: andre.caregnato@hotmail.com